



**PRIMEIRO  
MINISTRO**

**BREVES PALAVRAS DE  
SUA EXCELÊNCIA O PRIMEIRO-MINISTRO**

**KAY RALA XANANA GUSMÃO**

**NA CIMEIRA DE NEGÓCIOS DA ASEAN DE 2023**

**SESSÃO PLENÁRIA – A ASEAN IMPORTA:**

**RESILIÊNCIA E ESTABILIDADE NUMA  
ECONOMIA GLOBAL FRAGMENTADA**

Hotel Sultan, Jacarta  
4 de setembro de 2023

Excelências,  
Senhoras e senhores,

É uma honra intervir hoje neste importante evento, a Cimeira de Negócios e Investimento da ASEAN de 2023, e falar sobre o tema da resiliência e da estabilidade numa economia global fragmentada.

A ASEAN afirmou-se como um motor fundamental da economia global. Com um mercado de 2,3 biliões de dólares e 600 milhões de pessoas, a ASEAN é uma potência económica que transformou o Sudeste Asiático.

Uma das principais razões pelas quais Timor-Leste deseja aderir à ASEAN é fazer parte desta história de sucesso. A adesão plena à ASEAN dará às empresas e aos investidores diretos estrangeiros a confiança e a segurança necessárias para investirem em Timor-Leste.

Atrair investimento direto estrangeiro é fundamental para o crescimento da economia de Timor-Leste, para a criação de empregos e para modernizar e transformar a estrutura económica da nossa nação.

Queremos também fazer parte da abordagem “centrada nas pessoas” da ASEAN em matéria de crescimento e desenvolvimento. Esta abordagem permitiu uma ampla participação e apropriação das questões da ASEAN. Contribuiu para aumentar a riqueza *per capita*, a esperança média de vida e os resultados em matéria de saúde, libertando milhões de pessoas da pobreza.

Esta transformação foi conseguida através do reforço da confiança entre os países da ASEAN, e da promoção da estabilidade, da unidade e da paz na nossa região. A ASEAN conseguiu juntar países com culturas e histórias muito diversas, formando uma comunidade unida por um compromisso comum de tolerância, amizade e cooperação.

Face ao êxito da ASEAN, é fácil esquecer que o Sudeste Asiático nem sempre foi uma região com tanta unidade e cooperação. Ainda não há muito tempo, a nossa região foi vítima da colonização e da Guerra Fria, dilacerada pela ganância, pelos conflitos e pelas guerras de outras nações.

E o povo timorense não ficou imune. A dinâmica da Guerra Fria e as exigências das potências ocidentais conduziram a um período de ocupação do nosso país e à nossa difícil luta pela autodeterminação.

Por nos lembrarmos do que sofremos com as “guerras por procuração” da Guerra Fria,

a nossa região recusa-se a tomar partido na atual disputa geoestratégica entre as grandes potências mundiais.

É com esta percepção do longo caminho percorrido pela nossa região que podemos constatar o quão notáveis são as conquistas económicas da ASEAN. E podemos admirar a ascensão de economias que se revelaram verdadeiramente miraculosas no seio da ASEAN – nomeadamente o Vietname, a Malásia, a Tailândia, a Indonésia e Singapura.

Amigos, é importante que reconheçamos o significado internacional do sucesso da ASEAN e a sua capacidade para construir nações fortes e estáveis a partir da fragilidade e do conflito.

Infelizmente, porém, os grandes êxitos da ASEAN, bem como os da Ásia Oriental, não estão a ser replicados nas outras partes do mundo.

Em vez da perspectiva de economias milagrosas, temos conflitos e guerras. Em vez de cooperação e harmonia, temos perda generalizada da dignidade humana e da esperança.

Muitos países do mundo não estão a conseguir integrar-se, de forma significativa, na economia global. E o resultado disso são demasiadas pessoas sem esperança de um emprego digno, muitas a viver em bairros de lata, em sociedades que estão em crise.

Estamos também a assistir a condições climáticas cada vez mais extremas – inundações, secas, ciclones e subida do nível do mar – devido à incapacidade das potências mundiais em responder às alterações climáticas.

E são já os Estados mais frágeis que estão a sofrer os piores efeitos das alterações climáticas. Os nossos vizinhos das ilhas do Pacífico são prova disso, pois estão a lidar com a ameaça de serem inundados pela subida do nível do mar.

O fracasso do sistema económico global em desenvolver as regiões mais pobres do mundo está a resultar em fragilidades e em declínios perigosos na capacidade dos Estados.

Está a contribuir para a migração em massa e para as tragédias a que vamos assistindo nas costas da Europa. Está alimentar o extremismo, a criminalidade transnacional e o crescimento de grupos de milícias.

É claro que seria fácil culpar estes países, ou os seus povos. Mas fazê-lo seria esquecer os ecos da história.

Seria ignorar o impacto dos conflitos, da exclusão económica e da intervenção

estrangeira que mantém estes países presos num estado de fragilidade.

Por conseguinte, talvez o que tenhamos de fazer agora seja estabelecer uma ordem internacional melhor, baseada numa visão de solidariedade humana e de prosperidade partilhada.

Uma ordem internacional que ajude os Estados frágeis a criar resiliência e estabilidade.

Foi com esta constatação – e após um período de instabilidade no nosso próprio país - que Timor-Leste se juntou a outros Países Menos Desenvolvidos que também tinham enfrentado conflitos e fragilidade.

Acreditávamos que era importante que a nossa voz coletiva fosse ouvida – especialmente quando se tomavam decisões sobre os nossos países, sem a nossa participação.

Criámos o grupo de países g7+, que conta atualmente com cerca de 20 membros de África, da Ásia, do Médio Oriente e do Pacífico.

O g7+ trabalha arduamente para apoiar e representar os nossos países e para fazer ouvir a nossa voz na esfera internacional.

O g7+ tem agora o estatuto de observador nas Nações Unidas, o que lhe permite apresentar uma perspetiva coletiva sobre a agenda e o trabalho das Nações Unidas.

O g7+ defende um papel mais ativo das Nações Unidas na promoção da resiliência e estabilidade dos Estados.

Temos a sorte de ter Sua Excelência, António Guterres, como Secretário-Geral das Nações Unidas. Acreditamos que não há melhor pessoa para liderar as Nações Unidas e lutar por uma melhor ordem internacional que proporcione dignidade humana, justiça e igualdade para todos.

Reconhecendo as extraordinárias conquistas da ASEAN, acredito que esta organização tem um papel a desempenhar para ajudar a criar resiliência e estabilidade nos Estados mais frágeis.

A ASEAN construiu uma região com uma elevada capacidade estatal, governos eficazes, um Estado de Direito e uma ordem pública, bem como com uma mão de obra saudável e instruída. Adotou uma abordagem centrada nas pessoas, que privilegia a tolerância e o respeito mútuo.

Enquanto tantos países por todo o mundo se debatem com a fragilidade e a instabilidade, a ASEAN dá exemplos de economias emergentes fortes que estão

estruturadas em benefício dos cidadãos.

Devemos não apenas realçar a estabilidade, a segurança e a contribuição da ASEAN para o crescimento global; devemos também perguntar-nos como é que a ASEAN pode ajudar a apoiar a resiliência e a estabilidade nos Estados mais frágeis.

A ASEAN pode disponibilizar modelos de desenvolvimento soberano para a construção de comunidades fortes, infraestruturas sociais e resiliência económica.

O Ocidente não tem as respostas para o desenvolvimento global. Embora vivamos num mundo economicamente interligado, há demasiados Estados frágeis que se confrontam com a exclusão económica e com fracos resultados em termos de desenvolvimento.

Durante mais de meio século, a ASEAN promoveu a estabilidade, a unidade e a paz na nossa região. A ASEAN mostrou ao mundo o poder do diálogo e o que pode ser conseguido quando as nações se juntam com um objetivo comum.

E mostrou-nos os benefícios de um crescimento económico mais inclusivo, em que a prosperidade é partilhada de forma ampla.

Senhoras e senhores,

Exorto agora a ASEAN a fazer mais – peço-vos que olhemos para além da nossa região e nos tornemos parte de uma rede global de apoio a Estados frágeis, onde a democracia e os direitos humanos devem ser a base da construção de Estados pacíficos.

Numa economia global volátil, a ASEAN pode dar um contributo importante para a construção da resiliência e da estabilidade internacional, através da tolerância e da dignidade humana.

Trabalhando em conjunto, podemos estabelecer uma ordem internacional melhor, baseada numa visão de solidariedade humana e de prosperidade partilhada.

Muito obrigado